

PARA UMA REABILITAÇÃO URBANA INTEGRADA: O ESTUDO DE RENOVAÇÃO URBANA DO BARREDO E AS RESSONÂNCIAS NAS OPERAÇÕES SAAL DE MIRAGAIA E PRELADA (1969-1976)



Estudo de Renovação Urbana do Barredo, situação do sector — edifícios, 1969. Autor n.i. AHMP.

TERESA CUNHA FERREIRA
E DAVID ORDÓÑEZ CASTAÑÓN

Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo — Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

307

As sucintas notas que seguidamente se apresentam não pretendem constituir uma exposição exaustiva sobre os casos em análise, mas antes abrir perspectivas interpretativas sobre a abordagem de Fernando Távora à intervenção em áreas urbanas com valor patrimonial. Numa fase de consolidação metodológica do seu percurso profissional, estas propostas operativas, apesar de não terem sido concretizadas, demonstram-se actualizadas face ao debate internacional em curso e precedem importantes operações de reabilitação concretizadas por Fernando Távora nas décadas seguintes.

I. Estudo de Renovação Urbana do Barredo (ERUB)

“É global uma operação que afecta [...] os hábitos e a vida de uma comunidade, que pensa nas flores e nas infraestruturas, que toca nas casas e nas ruas, que não esquece o pormenor do candeeiro ao mesmo tempo que concebe o todo como um valor de paisagem inserido num contexto urbano; é global uma operação que se enquadra em termos de Cidade e não de sector, como é global apenas uma operação que é de todos e para todos e não de alguns e para alguns. [...] E nestas poucas palavras, renovar (ou continuar-inovando) com espírito global e aberto, está contida toda a essência da opção que escolhemos para orientar a nossa proposta”¹

Assim escrevia Fernando Távora no *Estudo de Renovação Urbana do Barredo* (ERUB), em 1969, apresentando um caminho alternativo às demolições de cariz higienista previstas no *Plano Auzelle* (1962) para uma área que, paradoxalmente, viria ser inscrita na lista do Património Mundial em 1996. Defendendo o princípio de “continuar-inovando”, Távora enquadra os problemas do centro antigo numa perspectiva global da cidade, associando a intervenção física à acção social, a visão do conjunto ao desenho do pormenor, a conservação dos valores patrimoniais à necessidade de actualização contemporânea (sem recurso ao *pastiche*).

Este estudo — iniciado apenas três anos após a *Carta de Veneza* (1964) e contemporâneo de experiências internacionais congéneres, em particular as italianas como o Plano para o Centro Histórico de Bolonha² — tem vindo a ser considerado precursor da reabilitação urbana integrada em Portugal.³ Ao romper com o paradigma urbanístico vigente, Távora propõe uma abordagem multidisciplinar com foco na dimensão humana e alarga o valor patrimonial ao edificado corrente, salientando a sua importância na identidade da imagem da cidade.

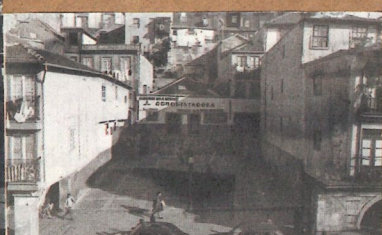
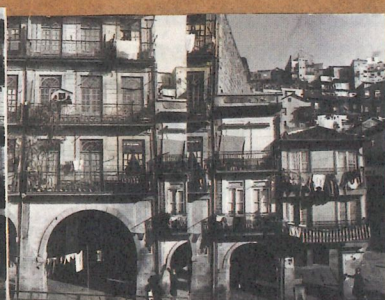
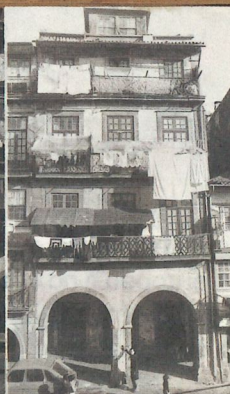
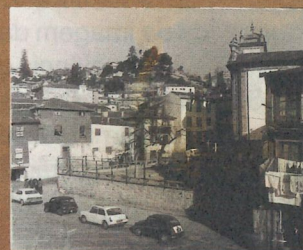
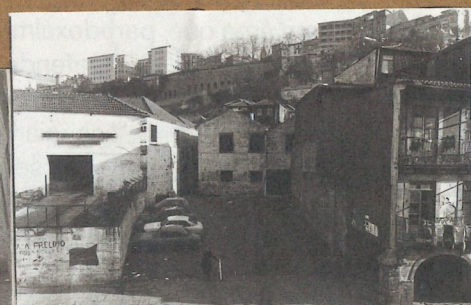
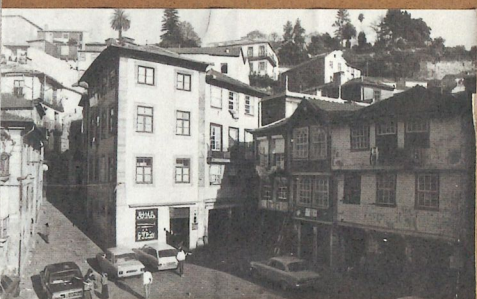
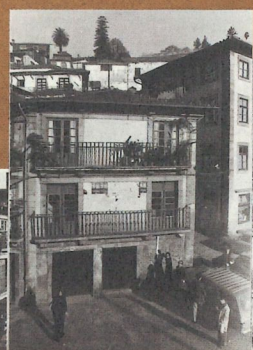
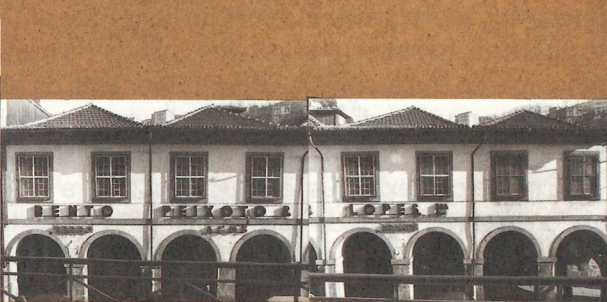
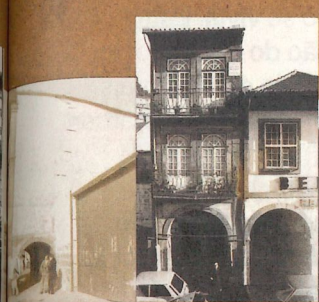
A atenção dada aos centros históricos e a consciência do problema da habitação ganham força nos anos 50, em pleno pós-guerra europeu e no contexto da revisão crítica da modernidade, despertando em Fernando Távora, e noutros arquitectos contemporâneos, um sentimento de responsabilidade social. No CIAM X (1956), dedicado ao tema *Habitat*, a equipa portuguesa, com a participação de Távora, apresentou o projecto experimental de uma nova e moderna vila agrícola para duzentos habitantes em Trás-os-Montes.⁴ Além de manter os vínculos comunitários, os esquemas tipológicos e a materialidade das construções tradicionais, o modelo propunha melhorar substancialmente as condições de conforto e higiene dos moradores do meio rural. No entanto, os problemas de insalubridade não afectavam apenas as áreas rurais.

¹ Fernando Távora, 2019 [1969], *Estudo de Renovação Urbana do Barredo*, Porto: Câmara Municipal do Porto, p. 137.

² Pier Luigi Cervellati, Roberto Scannavini, 1973, *Bologna: política e metodologia del restauro nei centri storici*, Bologna: Il Mulino.

³ José Aguiar, 2000, *A experiência de reabilitação urbana do GTL de Guimarães: estratégia, método e algumas questões disciplinares*, in *Processo de Candidatura de Guimarães à Inscrição na Lista do Património Mundial da UNESCO*, Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães.

⁴ CIAM X [Groupe CIAM Porto, Portugal], *X Congresso CIAM. Dubrovnik, Agosto 1956* [Habitat Rural. Nouvelle Communauté Agricole], *Arquitettura*, n.º 64 (Jan.-Fev.), 1959, pp. 21-27.



5
Fernando Távora, 1962,
Da Organização do Espaço,
Porto: Livraria Sousa & Almeida, Lda.,
Edição do autor, p. 58.

6
Fernando Távora [Câmara Municipal
do Porto], 1969, *Estudo de Renovação
Urbana do Barredo (ERUB)*,
Porto: CMP, p. 160.

7
Fernando Távora, et al., 1978, *Barredo*:
Operazione di Rinnovo Urbano,
in *Lotus International*, n.º 18, p. 95.

8
Cfr. Em particular o capítulo 3.2. *Quadro
humano*, in Fernando Távora [Câmara
Municipal do Porto], 1969, *Estudo
de Renovação Urbana do Barredo
(ERUB)*, Porto: CMP.

9
Nas tarefas de levantamento gráfico
e na recolha de testemunhos orais
participaram alunos da ESBAP,
coordenados por Octávio Lixa Filgueiras,
1970, "Inquéritos Urbanos — Experiências
Pedagógicas da Escola Superior de
Belas Artes do Porto entre 1961 e 1969",
in *Urbanização, Revista do Centro
de Estudos de Urbanismo e Habitação
Engenheiro Duarte Pacheco*, n.º 1,
Lisboa: Ministério das Obras Públicas,
pp. 3-30. Para aprofundamento Cfr.
Gonçalo C. Moniz, Luís M. Correia,
Adelino Gonçalves, 2014, "O Estudo
de Renovação Urbana do Barredo.
A formação social do arquitecto
para um território mais democrático",
in *Estudos do Século XX*, n.º 14,
Coimbra: Imprensa da Universidade
de Coimbra, pp. 315-337.

A preocupação com as áreas urbanas foi aprofundada por Fernando Távora no ensaio *Da Organização do Espaço* (1962), no qual analisa os problemas das cidades portuguesas, apelando para uma solução da grave crise habitacional que então se vivia. Este texto alerta, também, para a necessidade de revisão do conceito de monumento "no sentido de ultrapassar este ou aquele edifício mais ou menos erudito, de história mais ou menos conhecida, para abarcar ambientes mais vastos e edifícios mais humildes".⁵

É neste contexto que, em 1967, a Câmara Municipal do Porto encomenda a Fernando Távora um estudo orientador da actuação municipal para a área da Ribeira-Barredo, enquadrado na *Repartição de Construção de Casas da Direcção de Serviços de Habitação*. O plano de Távora afasta-se das propostas precedentes para esta área, as quais, seguindo os postulados do Movimento Moderno, previam demolições extensivas de salubridade e a criação de um sistema viário radicalmente novo por forma a facilitar a circulação do tráfego motorizado. Pelo contrário, a abordagem do arquitecto visava a preservação de quase toda a estrutura urbana medieval, mantendo o traçado e o máximo possível do tecido edificado.⁶

"Os projectos apresentados (tanto para a reestruturação das casas antigas como para as novas construções em áreas livres) adoptam princípios baseados na convicção de que toda a zona deve, na medida do possível, preservar os seus valores ambientais e construtivos, como um registo cultural e histórico vivo de igual importância à da catedral ou qualquer outro 'monumento'".⁷

No entanto, com esta abordagem Távora não pretendia impor uma visão estática do centro histórico, nem cristalizar uma imagem do passado; pelo contrário, propunha estimular a regeneração do tecido construído de modo a resolver os problemas habitacionais, através de demolições pontuais — decididas caso a caso — e transformações controladas, respeitando o carácter tipológico e construtivo do conjunto. Os edifícios a intervencionar — de matriz medieval, estrutura barroca e sucessivamente subdivididos — eram já o resultado de um processo de permanente mutação, pelo que as operações planeadas configurariam mais uma etapa da sua evolução histórica.

O ERUB implicou um grande esforço de diagnóstico da situação social no bairro, com uma investigação exaustiva que incluiu inquéritos pormenorizados, com a participação de assistentes sociais.⁸ Os levantamentos gráficos (realizados por alunos da ESBAP)⁹ e os testemunhos orais recolhidos evidenciavam as deploráveis condições de vida, revelando os problemas de sobreocupação, sujidade, pobreza, delinquência, prostituição, doenças e analfabetismo. Como amostra das transformações necessárias, o ERUB seleccionou dois quarteirões-piloto (denominados QI e QIII) como estudos de caso que deveriam exemplificar a estratégia de intervenção. O objectivo era aumentar a área das habitações, racionalizar a compartimentação, instalar e/ou aumentar o número de instalações sanitárias, melhorar e ampliar as cozinhas, eliminar as alcovas interiores sem iluminação e regularizar as comunicações verticais.

Contudo, o ERUB não foi implementado, permanecendo em suspenso até pouco depois do 25 de Abril. Foi então criado o Comissariado para a Renovação Urbana da Área da Ribeira-Barredo (CRUARB), em 1975, que convidou a equipa liderada por Fernando Távora a retomar o projecto do *Quarteirão III (QIII)*.



Estudo de Renovação Urbana do Barredo. Quarteirão III; planta do nível 3.
Estado actual e Proposta, 1969. AHMP.

10
Bernardo J. Ferrão, *Tradição
e modernidade na obra de Fernando
Távora 1947/1987*, in Luiz Trigueiros (ed.),
1993, *Fernando Távora*,
Lisboa: Ed. Blau, pp. 23-46.

11
Bernardo Ferrão, 1976, *1.ª Fase — Programa
base: Memória descritiva e justificativa*,
in *Recuperação do quarteirão QIII
do Barredo*, Fundação Marques
da Silva, Arquivo Fernando Távora
(PT/FIMS/FT/0197-PE-2-1A).

12
Fernando Távora, et al., 1978,
Op. cit., p. 96.

Segundo Bernardo Ferrão, os trabalhos foram reiniciados "não já apenas duma perspectiva predominante morfológica, mas também dum ponto de vista igualmente preocupado com a identificação e recuperação tipológicas".¹⁰ Os arquitectos procuraram minimizar o número de edifícios a demolir e tentaram manter e recuperar os sistemas construtivos tradicionais, sem renunciar, quando considerado necessário, a materiais modernos como o betão armado. Entre os intuitos estava "a recuperação do quarteirão sendo mantidas as características tipológicas gerais quer de cada edifício em si, quer do conjunto. Reposição, sempre que possível, de valores arquitectónicos ainda patentes ou a descobrir no decorrer das sondagens".¹¹ Com efeito, a equipa acreditava "que a conservação dos valores ambientais era compatível com os custos de construção e manutenção e, que não impedia a necessária rapidez das intervenções. [...] Os objectivos eram manter os valores ambientais e construtivos, envolver as associações locais no processo e adaptar as tipologias existentes às novas necessidades. Isso teria resultado numa grande variedade de soluções, enriquecidas pela variação da dimensão temporal".¹²

A vulnerabilidade política da época dificultou a concretização deste projecto. Porém, as abordagens conceptuais e metodológicas desenvolvidas pela equipa de Fernando Távora orientaram o trabalho do CRUARB no subsequente processo de renovação urbana.

II. Ressonâncias nas operações SAAL de Miragaia e Prelada

A experiência de aproximação ao património urbano potenciada pelo ERUB, adoptando uma abordagem que considerava de forma integrada as suas dimensões tangível e intangível, assim como o seu valor de conjunto, está patente nos projectos posteriores de Fernando Távora elaborados no âmbito do *Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL)*. O processo SAAL foi uma experiência política e arquitectónica surgida no rescaldo da Revolução de 1974, na qual participaram numerosos arquitectos, visando a construção de habitação social em todo o país. Fernando Távora coordenou as



Estudo de Renovação Urbana do Barredo, situação do sector — edifícios, 1969. Autor n.i. AHMP.

13
Idem, ibidem.

14
Cfr. Cópia de Inquéritos conservados na FIMS, Fernando Távora, 1975-1976, SAAL — Operação Miragaia, Fundação Instituto Marques da Silva, Arquivo Fernando Távora. Conservam-se igualmente na FIMS as fichas de inquéritos relativas ao SAAL da Prelada (PT/FIMS/FT/0198).

15
"Projecto: Arq.º Fernando Távora, Eng.º Bernardo Ferrão, Arq.º Jorge Barros; Brigada Técnica: Eng.º Bernardo Ferrão, Arq.º Jorge Barros, Joaquim Jordão, Gil Carneiro, Manuel Campos, Pedro Paredes e Antónia Nolo; Associação de Moradores: Miragaia; Início da Operação: Jun. 1975; 900 Fogos." Cfr. J. A. Bandeirinha, 2007, *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 429.

16
Ibidem, p. 248.

17
Fernando Távora, 1975-1976, *Memória descritiva e justificativa*, in *Op. cit.* (PT/FIMS/FT/0198).

18
"Projecto: Arq.º Fernando Távora; Brigada Técnica: Beatriz Madureira, António S. Costa, A. Ramos, J. Soares Malta e J. Diogo; Nome da Associação de Moradores: Travessa da Prelada; Início da Operação: Jan. 1975; 9 Fogos a construir e 2 Fogos a recuperar." J. A. Bandeirinha, 2007, *Op cit.*, p. 432.

brigadas das operações da Lapa (1974-76), de Miragaia (1975) e da Prelada (1975-76), em quarteirões degradados no interior ou nas proximidades do Centro Histórico do Porto.

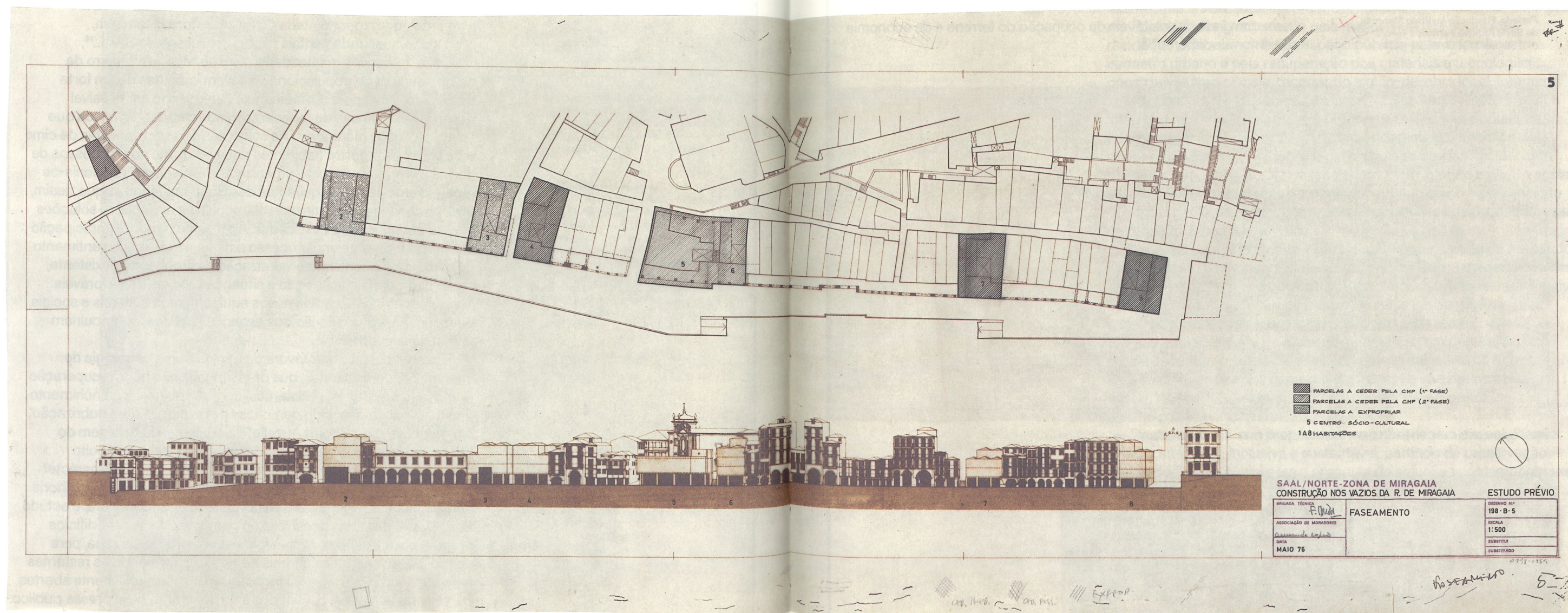
Seguindo os princípios do ERUB, Távora propõe, então, preservar a autenticidade tipológica e material do tecido histórico, articulando a reabilitação dos edifícios existentes com a construção de novos edifícios de linguagem e sistemas construtivos contemporâneos, estabelecendo estratégias de continuidade com os anteriores, mas rejeitando o *pastiche* enquanto gerador do "equivoco da recuperação do existente com a apologia do 'antigo', feito hoje para ser 'antigo' amanhã".¹³ A realização de aprofundados inquéritos sociológicos e a rigorosa caracterização física dos edifícios — continuando a metodologia experimentada no ERUB — foram, também, procedimentos fundamentais nestes processos do SAAL.¹⁴

Estas operações, nomeadamente a de Miragaia¹⁵ bairro de grande densidade populacional, estavam imbuídas de um forte espírito comunitário e reivindicativo, defendendo ser possível desenvolver políticas de regeneração nos centros históricos que envolvessem os moradores. As soluções não eram impostas de cima para baixo; os próprios habitantes tomavam parte nos processos de decisão. A população local, organizada em associações, reunia-se regularmente com os arquitectos das Brigadas Técnicas que, assim, podiam conhecer directamente os problemas e propor as soluções mais adequadas às necessidades. Ao mesmo tempo, a participação activa dos moradores no processo estimulava um maior sentimento de pertença e incentivava a valorização da arquitectura existente, muito degradada e associada a situações sociais desfavoráveis. Além disso, a instalação de novos equipamentos culturais e sociais, bem como a requalificação dos espaços públicos, contribuiriam para o mesmo objectivo.

É neste contexto que Távora desenvolve uma estratégia de intervenção para Miragaia que pressupunha não só a "recuperação rigorosa das estruturas existentes, como também o preenchimento daquelas que tinham sido demolidas pelos planos de 'salubridade', em particular o de Robert Auzelle".¹⁶ Seguindo a abordagem do ERUB, o corpo de fotografias e desenhos revela um respeito pelo cadastro parcelar, pela matriz tipomorfológica, pelo carácter arquitectónico e pelos sistemas construtivos, a par com a melhoria das condições de conforto e salubridade. Segundo Távora, o estudo "define as volumetrias possíveis; no conjunto dos novos edifícios propõe-se um, central, junto à Igreja e no coração da zona, para centro das actividades culturais da Associação, sendo os restantes para habitação (cerca de 50 fogos), com os r/c parcialmente abertos ou, quando fechados, destinados a equipamento de interesse público. O lançamento desta 1.ª fase considera-se de extrema importância como instrumento de mobilização da população, naturalmente descrente em face de uma já longa experiência de promessas não cumpridas".¹⁷

Na operação para a Prelada,¹⁸ a estratégia visava, também, salvaguardar e enfatizar a importância dos valores ambientais e culturais da envolvente da Casa e da Quinta da Prelada, marcada pela obra de Nasoni, e que vinha sendo erodida por sucessivas destruições e erros de planificação urbanística.

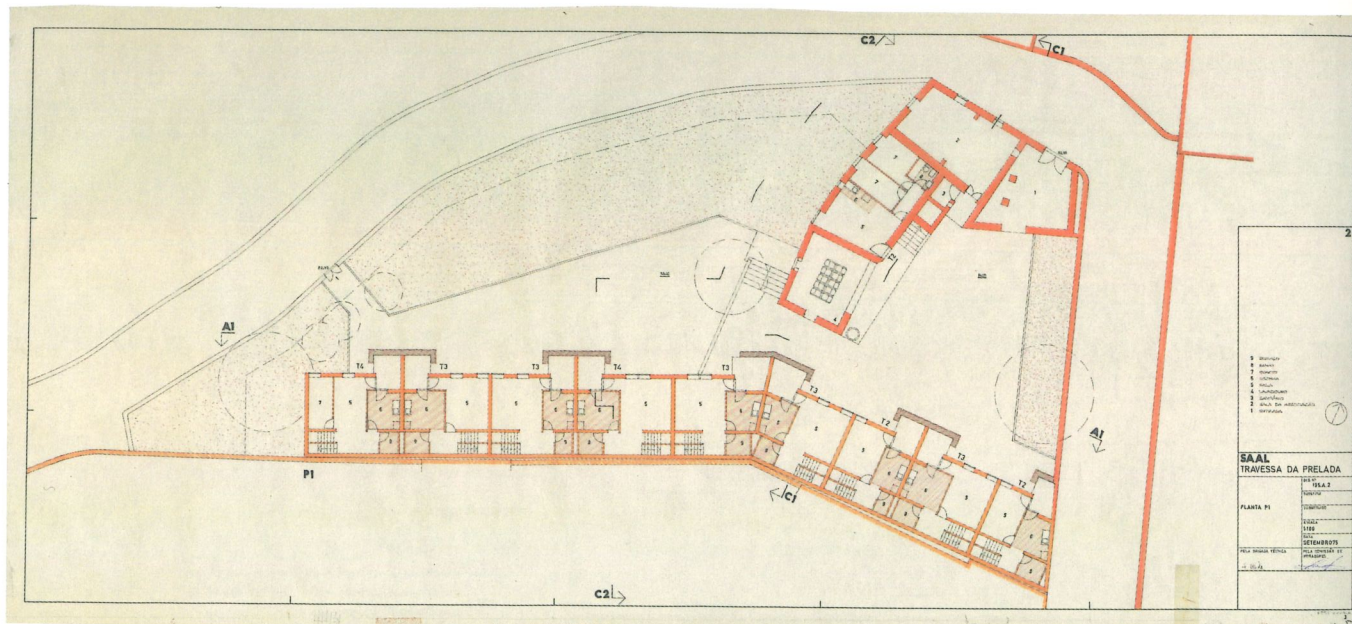
Sem descurar a perspectiva social inclusiva, a proposta de Távora (neste caso mais reduzida e circunscrita a um conjunto recintado) pretendia a recuperação da antiga casa de lavoura, a demolição



19
Fernando Távora, 1975,
*Anteprojecto — Memória descritiva
e justificativa*, in *SAAL — Operação
Prelada*, Fundação Instituto Marques
da Silva, Arquivo Fernando Távora
(PT/FIMS/FT/0195-PE-01-0013).

das habitações precárias anexas, a conservação do pátio e da horta existentes, assim como a construção de um bloco de novas habitações de dois pisos, encostado ao muro divisório a Sul e com respeito pela estrutura de caminhos locais. Com esse objectivo, são realizados rigorosos levantamentos e propostas que integram os elementos construídos existentes estabelecendo princípios de continuidade por meio de cérceas e traçados.

Desta forma, a intervenção pretendia reintegrar a coerência do conjunto, reforçando o carácter dos espaços e dos edifícios desenhados por Nasoni: "Tal concepção permite preservar também o ambiente e vida própria do Bairro, ficando demonstrado que tal não é incompatível nem com a instalação das famílias em casas decentes, nem com índices aceitáveis de ocupação do terreno e de economia do empreendimento".¹⁹



SAAL — Operação Prelada. Projecto 1ª fase: Plantas P1, 1976. FIMS. Arquivo Fernando Távora.



SAAL — Operação Prelada. Fotografia de levantamento. FIMS. Arquivo Fernando Távora.

III. Nota final

Nenhuma destas operações de reabilitação urbana preconizadas por Távora para o Porto se concretizou. No entanto, todas estas experiências constituíram importantes laboratórios para a definição de conceitos e métodos para a regeneração urbana, então inovadores em Portugal e em sintonia com o contexto internacional, em particular com as experiências italianas de intervenção nos chamados centros históricos.

A concretização destes princípios veio a materializar-se na reabilitação do Centro Histórico de Guimarães, na qual foram implementadas e aperfeiçoadas as orientações apresentadas no ERUB, ali conduzidas pelo Gabinete Técnico Local (GTL) com a assessoria de Fernando Távora. Trata-se de uma experiência exemplar em Portugal, designadamente pela manutenção da população residente, pela renovação do espaço público, pelo respeito pelo cadastro urbano e pela recuperação dos materiais e tecnologias construtivas tradicionais, recorrendo a mão-de-obra local. Integrada neste contexto, a recuperação da Casa da Rua Nova (1983-85) para sede do Gabinete Técnico Local — onde os moradores podiam obter informação e apoio técnico — reflecte vividamente a ambicionada cooperação entre a população local e a equipa de arquitectos. Esta obra é igualmente exemplo de uma abordagem integral e multi-escalar, sensível tanto à integração na paisagem urbana como à preservação da matriz tipológica e dos pormenores construtivos (taipa, caixilharias de madeira, ferragens, tintas).

A análise destes projectos permite aprofundar a visão de Fernando Távora quanto à compatibilidade entre, por um lado, a preservação das tipologias e tecnologias construtivas dos tecidos urbanos tradicionais e, pelo outro, a introdução de transformações indispensáveis para a melhoria das condições de habitabilidade. Este tema continua válido e actual: um dos desafios da intervenção em preexistências é o de encontrar o ponto de equilíbrio entre a salvaguarda dos valores culturais e a sua necessária adaptação às exigências de sustentabilidade, designadamente a eficiência energética e a acessibilidade universal.

Deste modo, Távora propõe-nos uma abordagem de reabilitação urbana integrada, inclusiva e sustentável, partindo da preservação do tecido físico e social para a proposta de soluções contemporâneas em continuidade com a paisagem urbana existente.

A URGÊNCIA DA CIDADE:
O PORTO E 100 ANOS
DE FERNANDO TÁVORA

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO
DO NASCIMENTO DE FERNANDO TÁVORA
(1923-2023)

EXPOSIÇÃO E PROGRAMA
MUSEU E BIBLIOTECAS
DO PORTO

CÂMARA MUNICIPAL
DO PORTO

Fernando Távora:
Toda a esperança
no futuro
Luís Martinho
Urbano
212

Um olhar sublime
Catarina Providência
218

III
FERNANDO TÁVORA:
OBRA EM SÍNTESE
FOTOGRAFICA
225

IV
A URGÊNCIA
DA CIDADE:
OBRA PÚBLICA
NO PORTO

A Cidade de
Fernando Távora
vista de outro lugar
Álvaro Domingues
278

A Avenida da Ponte:
Uma memória inquietante
Rui Tavares
286

Porta do Porto moderna.
*O Plano Parcial de
Urbanização da Zona
do Campo Alegre,
1948-49. [1949-51]*
Sílvia Ramos
294

*A Unidade Residencial
de Ramalde:*
Experimentação
de uma Modernidade
Diana Vasconcelos
300

Para uma reabilitação
urbana integrada:
*o Estudo de Renovação
Urbana do Barredo*
e as ressonâncias nas
operações SAAL de
Miragaia e Prelada
(1969-1976)

Teresa Cunha Ferreira
e David Ordóñez
Castañón
306

*Sensibilidade e
Bom Senso: O projeto
de requalificação
do Museu Nacional
de Soares dos Reis
— 1987-2001*
Eduardo Fernandes
318

Círculo Universitário
do Porto
Sérgio Fernandez
328

O tempo em si
contém a possibilidade
de todas as
durações:
*Recuperação do
Palácio do Freixo e
Áreas Envolventes*
João Rapagão
338

V
O HOMEM:
PARA ALÉM
DO ARQUITETO

Um Homem
de paixões:
1923-2005-2023
José Bernardo
Távora
348

O meu Pai,
não era o arquitecto,
era o meu Pai
Maria José T. Távora
354

Vida, uma viagem
feita de histórias...
Luísa Tavares
e Távora
360

Fernando Távora e os
seus primeiros mestres
Manuel Luís Real
366



O Regresso da Estátua *O Porto* à Antiga Casa da Câmara, 10 de janeiro de 2024.
Fotografia de Rui Oliveira.

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

Presidente da Câmara Municipal do Porto
RUI MOREIRA

Diretora Municipal de Cultura e Património
ALEXANDRA CERVEIRA LIMA

Diretor do Departamento Municipal
de Gestão do Património Cultural
MIGUEL AREOSA RODRIGUES

Chefe da Divisão Municipal
de Arquivo Histórico
HELENA GIL BRAGA

Chefe da Divisão Municipal de Museus
MARIANA JACOB TEIXEIRA

Chefe da Divisão Municipal
de Bibliotecas
SÍLVIA MACEDO FARIA

Chefe de Unidade do Gabinete de Apoio
às Bibliotecas
MARIA ANDREIA AMORIM

Diretora do Departamento Municipal
de Comunicação e Promoção
ISABEL MOREIRA DA SILVA

ÁGORA – CULTURA E DESPORTO DO PORTO E.M.

Presidente do Conselho de Administração
CATARINA ARAÚJO

Administradores Executivos
CÉSAR NAVIO
ESTER GOMES DA SILVA

Diretor de Comunicação e Imagem
BRUNO MALVEIRA

MUSEU E BIBLIOTECAS DO PORTO

Diretora do Museu
e das Bibliotecas do Porto
ALEXANDRA CERVEIRA LIMA

Curadora
RITA ROQUE

Técnico de Comunicação
BRUNO PEREIRA

Antigo Departamento de Dinamização
de Museus e Coleções
(out. de 2019 a mar. de 2024)
Ágora – Cultura e Desporto do Porto, E.M.

Diretor Executivo
JOÃO COVITA

Coordenador Técnico
FRANCISCO TELES

Gestora de Projetos Educativos
MARTA BERNARDES

Assistente de Direção
CRISTINA REGADAS

Assistente de Programação
TIAGO ALMEIDA

Produtores Executivos
ANA AMORIM
CELESTE DOMINGUES
JOSÉ RALHA

Comunicação
PATRÍCIA BARBOSA

EXPOSIÇÃO

Coordenação Geral
JORGE SOBRADO

Curadoria Científica
MANUEL LUÍS REAL

Apoio à Curadoria Científica
DANIELA FERNANDES

Coordenação de Projeto
ISABEL OSÓRIO
JOÃO COVITA

Projeto Museográfico
JOÃO RAPAGÃO E TIAGO VIEIRA
c/ MUSEU DO PORTO

Design Gráfico e Expositivo
AND ATELIER
(JOÃO ARAÚJO E RITA HUET)

Coordenação dos Depoimentos
de Álvaro Siza, Eduardo Souto de Moura
e António Menéres
JOÃO RAPAGÃO

Desenhos e Ilustrações
DANIEL SILVESTRE
LUÍS AGUIAR BRANCO

Paisagem Sonora
SONOSCOPIA

Textos
DANIELA FERNANDES
JORGE SOBRADO
MANUEL LUÍS REAL
TIAGO ALMEIDA

Comunicação
PATRICIA BARBOSA

Coordenação Técnica
FRANCISCO TELES

Produção Executiva
ANA AMORIM
JOSÉ RALHA

Desenho de Luz
RENATO BRANCO

Realização e Produção Vídeo
JOÃO DIAS
JOÃO PEREIRA

Ilustração e Animação Digital
MÓNICA CORREIA

Fotografia
ANTÓNIO ALVES
FERNANDO NORONHA
LUIS FERREIRA ALVES
PEDRO SADIO

Investigação e
Pesquisa Documental
ANTÓNIO SILVA
ISABEL OSÓRIO
MANUELA RIBEIRO
LUÍS AGUIAR BRANCO
CARLA CRUZ
MANUEL FERNANDO FERREIRA
MARIA DA LUZ VASCONCELLOS
FILIPA LEITE
MARTA RUA
FILIPE TEIXEIRA

Conservação Preventiva
ANA CABRAL
ANA RITA VEIGA
CAROLINA BARATA

Registo
ANA SOFIA SIMÕES
MANUELA RIBEIRO

Acompanhamento Técnico
ALEXANDRA RAMOS
ANTÓNIO ALMEIDA

Montagem e Instalação
ALBERTINO RIBEIRO
ADÃO VIEIRA
CATARINA OLIVEIRA
CESÁRIO COSTA
RUI SANTOS

Revisão de Texto
MANUEL JOÃO NETO

Tradução
MARTIN DALE

Programação de Mesa Interativa
EDIGMA

Transportes
STARMUSEUM
— PREMIUM HANDLER
JOSÉ ROCHA
ADÃO VIEIRA

Conservação e Restauro do Edifício
DOMUS SOCIAL, E.M.
JOÃO SENDIM
ANTÓNIO MACEDO
DIOGO MOTA
OLGA FEIO
HUGO BARBOSA
CLEMENTE COSTA
JOÃO SOUSA
CATARINA PIRES
VALDEMAR LOPES
BEL-HERITAGE — CONSTRUÇÕES
E INTERVENÇÕES NO PATRIMÓNIO, LDA

.....
PROGRAMAÇÃO PARALELA

Programação
JORGE SOBRADO
MARTA BERNARDES

Assistente de Programação
CRISTINA REGADAS

Produção Executiva
CELESTE DOMINGUES

Visitas Orientadas e Mediação
DANIELA BARBOSA
GRAÇA LACERDA

Projeto com as Comunidades
VANESSA ESPÍNOLA

Reinstalação da Estátua *O Porto*
CATARINA MAGALHÃES
MARIA AUGUSTA MARTINS
MÁRIO FONSECA

EDIÇÃO

A Urgência da Cidade:
O Porto e 100 Anos de Fernando Távora

Editor
MUSEU E BIBLIOTECAS DO PORTO
CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

Coordenação Geral
JORGE SOBRADO
JOÃO COVITA

Coordenação Científica
MANUEL LUÍS REAL

Apoio à Coordenação Científica
DANIELA FERNANDES

Coordenação Editorial
TIAGO ALMEIDA

Conceção Gráfica
AND ATELIER
(JOÃO ARAÚJO E RITA HUET)

Apoio à Edição
LUÍS AGUIAR BRANCO
JOSÉ RALHA

Apoio à Edição das Conversas com
Álvaro Siza, Eduardo Souto de Moura
e António Menéres
JOÃO RAPAGÃO

Revisão de texto e provas
MANUEL JOÃO NETO
ISABEL BABO

Transcrição das Conversas
ANDREIA C. FARIA

Tratamento Digital de Imagem
ANTÓNIO ALVES

Impressão e Produção Gráfica
INREDE — COMUNICAÇÃO DINÂMICA, LDA

Depósito Legal
535307/24

ISBN
978-989-35723-1-3

Textos e Imagens
© AUTORES E INSTITUIÇÕES
MENCIONADAS NO TEXTO
Agradecemos aos autores e a todas as
entidades que gentilmente elaboraram textos
ou cederam imagens para este catálogo.

CIA
ADE
ORTO
NOS
ANDO
A

Porto.

A URGÊNCIA
DA CIDADE

O PORTO E 100 ANOS
DE FERNANDO TÁVORA

A URGÊ
DA CID
O R
100 A
FERI
TAVO

MUSEU E
BIBLIOTECAS
DO PORTO

A URGÊ
DA CID
O R
E 100 A
DE FERI
TAVO

MUSEU E
BIBLIOTECAS
DO PORTO